

Joca Martins - Recuerdos da 28

tom:

Intro: Gm D7 Gm D7 Gm
 Gm D7 Cm Gm D7 Gm
 Gm D7 Gm

De vez em quando, quando boto a mão nos cobres
 Não existe china pobre, nem garçom de cara feia
 Eu sou de longe, onde chove e não goteia
 Não tenho medo de potro, nem macho que compadreja
 Boleio a perna e vou direto pro retoço
 Quanto mais quente o alvoroço, muito mais me sinto afoito
 E o chinaredo, que de muito me conhece
 Sabe que pedindo desce, meu facão na "28"
 Remancheio num boteco ali nos trilhos
 Enquanto no bebedouro mato a sede do tordilho
 Ouço mugindo o barulho da cordeona
 E a velha porca rabona, retouçando no salão
 Quem nunca falta é um índio porco e grosso

De apelido Pescoço, da rabona ao querendão
 Int
 (Entro na sala no meio da confusão)
 Fico meio atarantado que nem cusco em procissão
 Quase sempre chego assim meio com sede
 Quebro o meu chapéu na testa de beijar santo em parede
 (E num relance se eu não vejo alguém de farda eu grito
 Me serve um liso daquela que mata o guarda) Bis
 Guardo o trabuco empanturrado de bala
 Meu facão, chapéu e pala e com licença, vou dançar
 Nestes fandangos, levo a guaiaca recheada
 Danço com a melhor china, que me importa de pagar
 O meu cavalo, deixo atado no palanque
 Só não quero que ele manque quando terminar a farra
 A milicada sempre vem fora de hora
 Mas eu saio porta afora, só quero ver quem me agarra
 Desde piazito, a polícia não espero
 Se estoura a reboldosa me tapo de quero-quero
 Desde piazito, a polícia não espero
 Se estoura a reboldosa me tapo de quero-quero

Acordes

